

A PROGENIE DO ALFERES JOAQUIM JOSE' DA SILVA XAVIER TIRADENTES

Acy

(Para O JORNAL)
Diomedes de Figueiredo MORAES

Joaquim José da Silva Xavier, o lendário Tiradentes, foi, dos inconfidentes mineiros, "infame réo e unico que se fez indigno da real piedade de S. M. a Senhora D. Maria I". A graça de piedade, que S. M. mandou applicar aos conjurados, foi estabelecida, por carta regia de 15 de outubro de 1790, quando a famosa Alçada começou a funcionar determinando as perdas e inomináveis devassas, que só foram ultimadas com a famosa sentença lavrada a 18 de abril de 1792, condemnando os 29 inconfidentes, — 11 a morte, 5 a degredo perpetuo e 13 a desterro temporario nos presidios da Africa.

A Alçada composta dos desembargadores Gomes Ribeiro, Vasconcellos, Guyose, Figueiredo, Guerreiro e Cruz e Silva, applicando a ironica piedade de S. M. a Rainha, converteu em degredo perpetuo, para dez dos onze condemnados a pena capital que lhes tinha sido imposta, excluindo, apenas, Tiradentes, sem que se possa atinar com a razão deste procedimento adioso.

A sentença determinava mais, além de sua condemnação ao patibulo: declaração de infames até a quarta geração a todos os seus descendentes, confiscados seus bens a favor da Corôa, arrazada a casa em que o réo morava e saído o terreno por ella occupado, como prova de maldição e para escarmento de quantos pretendessem se rebelar contra a Corôa. Foi lida ao condemnado pelo desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, escrivão da Alçada, na manhã do dia 20 de abril de 1792, a execução da sentença se deu no dia 21, com uma solemnidade que jamais se repetirá na historia dos povos, pouco antes de meio dia. Seu corpo foi esquartejado, ficando nesta cidade um dos braços e os outros pedaços distribuídos pelo Caminho do Rio de Janeiro, Ceboias, hoje Parahyba do Sul, Varginha, hoje Queluz; a cabeça fncada em um poste, em Villa Rica, a hoje decadente cidade de Ouro Preto.

No dia em que se commemora no Brasil inteiro, o sacrificio desse patriota até hoje incompreendido e ainda mal estudado, parece interessante que se fale um pouco de sua familia, pois, na pessoa de seus descendentes repousam as glorias de seu martyrio.

GENTES DE BOM E LIMPO SANGUE

O processo de habilitação para ordens de padre Domingos da Silva Xavier e de seu irmão Antonio dos Santos da Silva (irmãos de Joaquim José da Silva Xavier, iniciaram a 3 de novembro de 1756, perante o bispado de Mariana, e concluído pela sentença proferida pelo conego

goutoral, dr. Ignacio Corrêa de Sá (notavel familia de governadores e capitães-generaes do Estado do Brasil) juiz de justificações "de genere, moribus et patrimonio" aos 19 de dezembro de 1768, demonstrara que os paes de Tiradentes eram gente limpa, pessoas de "limpo sangue, sem raza de Judeu, Mouro, Mourisco, Mulato, Hereje, ou outra infecta raça reprozada contra a nossa Fé Catholica".

Tiradentes era filho de Domingos da Silva Santos e de sua mulher, Antonia da Encarnação Xavier, nasceu em 1748, no sitio denominado Pombal ou Boa Visia, na freguezia de Santo Antonio da Villa de S. José do Rio das Mortes. Domingos trabalhava na lavra de ouro e morava na freguezia de Nossa Senhora do Pilar da Villa de S. João d'El-Rey.

Domingos da Silva Santos era portuguez, filho de André da Silva e de Marianna Motta, ambos naturaes da freguezia de Santo André, termo de Caduozo do Couto, da Villa de Frelheiro do Basto, arcebisado de Braga.

Antonia da Encarnação Xavier, era mineira, nasceu na freguezia de Santo Antonio da Villa de S. José do Rio das Mortes, onde foi baptizada no dia 12 de abril de 1721, pelo padreoadjuutor, José Barbosa Pereira (L. de Asst., pag. 6ª v.). Era filha de Domingos Xavier Fernandes, portuguez minerador, natural de S. Thiago da Cruz, termo da Villa de Barcellos, bispado de Braga; e de Maria de Oliveira Colação, natural da cidade de S. Paulo. Domingos da Silva Santos e Antonia da Encarnação Xavier casaram-se a 30 de junho de 1733, na referida freguezia de Santo Antonio.

Do mesmo processo de habilitação para ordens do padre Domingos Xavier, irmão de Tiradentes, se infere que seus paes já eram mortos em 1756.

A ascendência do legendario alferes da Cavallaria paga das Minas Geraes era toda de gente de bom e limpo sangue.

Tiradentes era solteiro, apesar disto, porém deixou descendencia. Certamente, se o visconde de Barbacena, ou o vice-el, conde de Rezende, tivessem tido conhecimento de que Tiradentes deixava geração, não escapariam seus descendentes da solemnidade da imposição do estyga de infames e miseraveis, constante da terrivel sentença. A raça era boa, escapou á sanha real e ahí está.

O AÇOGUEIRO BELTRÃO

Tiradentes residia na época de

sua prisão, em Villa Rica, em uma casa da rua de S. José (hoje denominada do Ouvidor), alugada ao padre Joaquim Pereira de Magalhães, e era commandante da patrulha do Caminho Novo para o Rio de Janeiro. Por essa época residia em Villa Rica, o casal Manoel da Silva e Maria José da Silva, que trabalhavam na quinta que uns frades possuíam, segundo a tradição, existente em terrenos hoje servidos por uma estação de estrada de ferro.

Este casal tinha os seguintes filhos: Theodoro da Silva, Francisco Mathias da Silva, Eugenia Joaquina da Silva, Maria Eugenia da Silva e Leonarda Eugenia da Silva. Os filhos varões não residiram em Villa Rica, nem ahí foram conhecidos.

Manoel da Silva falleceu e em consequencia do abalo, sua mulher perdeu a razão. Tiveram as tres moças de trabalhar para prover a subsistencia e amparar a progenitora louca. Esta, muitas vezes, saía pelas ruas gritando em desatino, causando comiseración aos moradores.

Tiradentes, movido por um sentimento de piedade, prestava socorros a essa infeliz familia, originando-se daí relações de intimidade entre o alferes Xavier e Eugenia Joaquina da Silva, tendo-lhe esta dado um filho (pelos annos de 1786), que recebeu o nome de João.

Tinha o menino, mais ou menos, seis annos de idade, quando Tiradentes se envolveu na conspirata que figura na historia por Inconfidência Mineira. Temendo que viesse seu filho soffrer consequencias das suas attitudes, procurou o seu grande amigo Joaquim de Almeida Beltrão, que possuía um "corte" em Villa Rica e pediu-lhe para tomar conta do menino e criá-lo como filho.

Beltrão aceitou e João adoptou o nome de sua familia (Almeida Beltrão), com o qual disfarçava-se a sua origem e firmou a descendencia do heroico revolucionario. Descoberta a revolução, preso, condemnado e executado Tiradentes, o açogueiro Joaquim de Almeida Beltrão, de tal modo passou a mal-tratar o menino que sua mãe, Eugenia Joaquina da Silva, reclamou a entrega do filho, deliberado a enfrentar a situação, caso fosse denunciada, pelos annos de 1794. João de Almeida Beltrão, o filho de Tiradentes, aprendeu a ler e escrever, e o officio de ourives, tendo trabalhado nesta arte. Era um rapagão bem comportado, muito estimado.

Assentou praça no regimento de cavallaria paga, tendo sido destacado para Quarteis Geraes (hoje Espirito Santo de Indayá), afim de dar caça aos contrabandistas de diamantes.

João de Almeida Beltrão casouse com Maria Francisca da Silva, filha de importante e adastado fazendeiro na região. Pouco tempo depois mandou vir para sua companhia sua mãe, Eugenia Joaquina da Silva e suas tias Maria Eugenia, Leonarda e sua avó louca, Maria Josepha da Silva, viúva de Manoel da Silva, que ainda se encontravam em Villa Rica.

OS NETOS DO ALFERES

Do casamento de João de Almeida Beltrão, o filho de Tiradentes, com Maria Francisca da Silva, provieram os seguintes filhos:

1.º — Anna, que se casou, em

Espirito Santo do Indayá, com José Gomes de Moura, do qual houve dois filhos — Flavio Gomes de Moura, que falleceu no Sacramento; do outro ignoram-se o nome e destino que tomou;

2.º — José de Almeida Beltrão, conhecido por Juca Beltrão, que se casou com d. Maria Magdalena. Falleceram ambos no Triangulo Mineiro (Uberaba), sem deixarem descendencia;

3.º — Lucio, fallecido na idade de nove annos, em Quarteis Geraes;

4.º — Francellina Fausta Josina, casada com Joaquim dos Santos Caldeira (da notavel familia do norte de Minas), que deixaram numerosos filhos, cujos nomes são tambem ignorados. Falleceram em Quarteis Geraes;

5.º — Carolina Augusta Cesarina, casada com Antonio Alves de Rezende, fallecido em Curvello. Deste casal nasceram duas filhas: Gavina e Carlota;

6.º — Elisa Lisboa Magdalena do Carmo, solteira. Falleceu em Morrinhos (Goyaz), deixando muitos filhos naturaes.

7.º — Justino de Almeida Beltrão, casado com Emiliana de tal, da qual teve varios filhos; falleceram ambos em Morrinhos, em Goyaz.

8.º — João de Almeida Beltrão Junior que não foi feliz com o casamento. Casou-se com Maria de tal de quem sempre viveu separado.

9.º — Belchior de Almeida Beltrão casado em primeiras nupcias com Maria de tal conhecida por "Nhá" e em segundas com outra Maria. Este casal teve tambem muitos filhos.

A FAMILIA "TIRADENTES" SOBREVIVENTES

Conforme as notas acima, são ignorados os nomes e onde se acham os bisnetos de Tiradentes, filho de Anna e de José Gomes de Moura: de Francellina Fausta Josina e Joaquim dos Santos Caldeira, de Justino de Almeida Beltrão e de Emiliana de tal e de Belchior de Almeida Beltrão e Maria de tal. Nenhuma noticia se tem de sua situação e residencia.

Em 30 de setembro de 1905, falleceu em Uberaba, d. Carolina Augusta Cesarina, neta de Tiradentes, filha de João de Almeida Beltrão e de d. Eugenia Joaquina da Silva. Nasceu d. Carolina, em Quarteis Geraes (março de 1819) e se casou com Antonio Alves de Rezende.

Em agosto de 1848, transferiu-se com toda a familia para Uberaba, onde se fez esimar pela sua bondade. Coube a esta neta do revolucionario mineiro inscrever entre a gens nos trat o glorioso nome "Tiradentes". Registremos a sua genealogia:

De Carolina Augusta Cesarina e Antonino Alves de Rezende nasceram:

1.º — Gavina Augusta Cesarina que se casou com Bernardino Martins da Veiga e delle teve os seguintes filhos: 1.º — Carolina Augusta Cesarina; 2.º — José Augusto Tiradentes;

2.º — Carlota Augusta Cesarina, casada com Feliciano Vieira da Silva, fallecidos sem descendencia.

De Carolina Augusta Cesarina, filha de Gavina e casada com José Pereira Vianna nasceu uma unica filha, Candida Tiradentes, que se casou com José Ricardo de Lima e delle teve os seguintes filhos: Isolda Tiradentes de Lima, Ricardo Tiradentes de Lima, Algeny Tiradentes de Lima, José Tiradentes de Lima.

De José Augusto Tiradentes, casado com Luisa Magnanino Tiradentes nasceram: Orides, Gavina, Rita, José, Maria Augusta, Luiz, Djalino e Maria de Lourdes.

Os membros da familia Tiradentes residem no Triangulo Mineiro. Se a justiça del Rey, por sombras soubesse que o açogueiro de Villa Rica Joaquim Beltrão preservava o rebento de Tiradentes, certo jamais ter-se-ia qualquer noticia de João, o filho de Eugenia Joaquina da Silva e do Alferes Joaquim José da Silva Xavier e, talvez tambem do cortador de carnes para os moradores de Villa Rica.

A homenagem destas letras vale por um preito commovido á verdade historica que revela em Tiradentes o heroico maximo, o atlante da conjuração mineira.

Mão grado alguns que buscam diminuir a sua figura de paladino elle nunca decrescerá na admiración, nem no culto da alma popular.

E' que ha uma razão bem humana, bem sentimental: O Brasil, geographicamente é um grande coração batendo pelos seus heroes, numa fidelidade ininterrupta, enquanto nós, creaturas, fulguramos esse supremo amor, tal como naquella imagem de Farias Brito, onde o pensador, jogando com elementos muito simples para um demonstração eloquente, figurou Deus no Sol e a nós, figura-nos o sol que as aguas limpas reflectem.

Ainda bem que para dizer de affinidade de devoções, me vsta imagem de um fulgor tarinho no seu conceito philosophico.

Na justa visão brasileira Tiradentes não é o proto-matyr conquista de nossa autonomia dominio luso, pois muito antes se buscara cumprir o aphorismo que um povo governa-se a si mo.

Ahi está a orgulheza da historia do heroismo mare em Manoel Bequimão, proclama da independencia do seu bionial com vida politica um anno e por isso subindo em 1636; o heroismo pcano em Bernardo Vieira morrendo mysteriosamente no Rio de Janeiro e o matreiro em Felipe dos rebelde humilde das mo Villa Rica, em 1720, mo uma coisa a quatro despedaçado vivo aos turba opprimida.

De uns para outros o copo, a mesma finalidade.

Dessa progenie surtes e é facil imaginar a ção desse ultimo feito, annos antes do seu na sua Minas Geraes, fosse da infancia...

Sonhar é proprio nos dias negros do teptugues, Tiradentes sor milagre da liberdade no coração até o arretrazel-a na boca, or como um latego á M como fé religiosa aor.

Tem a belleza de vida desse inconfid quereria resurgir ac mente, para que a espirale mais amor.

Era em Villa Rica mavam Villa Pobre, lutismo da Corte de zava-lhe as enstranh ouro, todo diamant todo cobre. O povo, tributos, latejava a r de independencia j mares forte e bella, tes brasileiros que nos serdes patricios americana, a gloria ton, de Franklin, a velha Europa, a disphica de Voltaire, r á tempestade proxinção Franceza, conta.

E Tiradentes ouvi fascinado.

Espirito de clard nelle era legitimo ete as formosas intel mutuvam ideias, das sabias leis que l.

E Tiradentes chi inflammdo de Alvnhando um Brasil vre, republicano.

Desde então, ap pendencia, não ped do idealismo que é tolos, mesmo que Jesus e S. Paulo.

Um tonico efficaz e SEGURO



Este tonico é o Xarope de Fellows. Seu emprego é benéfico para as pessoas debilitadas e nervosas, as que se cansam facilmente, as que carecem de energia necessaria para gosar a vida como deve ser. Pode dar-se com absoluta confiança aos meninos, e aos convalescentes.

O Xarope de Fellows é um preparado scientifico que muitos medicos eminentes recomendam e receitam. Tome-o e recobre suas forças e toças as suas energias.

Tomè XAROPE de FELLOWS

Piano LUX
O MELHOR E O MAIS BARATO
Vendas á vista e a prazo até 45 mezes.
Fabrica: Aven. 28 Setembro 341
Telephone: 3 - 3228

Instalações Elect...

O JORNAL

OITO PAGINAS

RIO DE JANEIRO — DOMINGO, 20 DE ABRIL DE 1930

N. 3.506

RECORDAÇÃO

(MISS UNIVERSO)

LISL GOLDARBEITER

A sta. Lisl Goldarbeiter, a formosa viennense que o jury de Galveston, elegeu "Miss Universo" em 1929, não se esqueceu do Brasil nem dos brasileiros que lhe tributaram homenagens por ocasião do seu triumpho no torneio internacional de belleza. Ainda agora, com uma delicada

sem nunca me cansar de admirar-as.

O vosso bello Brasil é magnifico, e eu desejaria muito poder contemplar, com meus proprios olhos, esse maravilhoso paiz. Ficaria, tambem, encantada se vos pudesse ainda rever, assim como a senhorita Olga, de quem re-

Do respeito da autoridade

Antônio de Alcântara Machado

1. GÓZO

No conto chamado Bruggleswith Kipling diz que a função principal da policia inglesa é apanhar dos bêbados e desordeiros sem piar. Em qualquer outro país do mundo os guardas agredidos costumam virar feras e até reagem a bala. Isso diz Rudyard Kipling. E parece que em parte ao menos tem razão. Na França, por exemplo, com a autoridade armada não se brinca. E' para mim um gozo quasi diário ver o pavor com que é recebida aqui a minima intervenção dos bigodudos fardados.

Ninguém ignora que o tipo mais atrevido deste mundo é o chofer parisiense. E' o campeão do palavão. Gorgeta pequena, esbarro de outro automóvel, pedestre lerdo, tudo é pretexto para grosso desaforo. Sujeito maleducado, metido a valente, difficil de lidar com elle. Pois existe um meio muito simples e seguro de tirar a prosa do bruto: é chamar um soldado. Fica mansinho que só vendo. Porque a autoridade applica o método forte: descompostura, muque, multa e processo. A multa sobretudo é o grande argumento. Pode-se dizer que ella é que policia a França, primeiro breque social. Com o imposto, a taxa e a indenização superintende o país amarrando o indivíduo.

2. AGRADOS

Porque é temível e temida a policia franceza parece armazenem de agrados. A gente abre um jornal e se diverte com a bola quotidiana de elogios que dão para ella em troca da prisão mais banal. Todo commissário é activo. Todo guarda é bravo. E' rarissima a noticia de uma diligencia feliz que não acaba assim: **cumpre-nos agora felicitar**

vivamente o activo commissário sr. E. Gançon bem como os seus dignos auxiliares Luquet e Michel e os bravos guardas Margot, Grigon e Ledoux que com extraordinária perspicácia e incansável energia conseguiram em pouco tempo desvendar o mistério que envolvia o crime e entregar o culpado á justiça. Nossa população pode confiar tranquilla na acção desses solertes funcionários que honram os créditos da policia franceza.

Mesmo quando não há motivo para louvores a gratidão não se arrefece e sob qualquer pretexto cerca de carinhos maternais os denodados viglantes da propriedade, da segurança e da ordem públicas. Faz pouco tempo verdadeira campanha de imprensa se desencadeou numa cidade da Riviera afim de conseguir do conselho municipal a construção de um abrigo para os guardas incumbidos de derigir o trânsito de certa praça. Era comvente até. Os bravos guardas não podiam ficar com o lombo exposto ás inclemências do tempo. Os bravos guardas que com tanta dedicação e competência davam passagem aos veiculos mereciam um pouco de consideração por parte dos poderes municipaes. Menos obra de paternidade, senhores edis, que de justiça para com aquelles que não medem sacrificios no cumprimento do dever.

Há af a mesma solicitude agradecida com que os judeus costumam confundir seus advogados. O judeu só vê no advogado o defensor do seu cobre. Por isso trata bem d'elle.

3. O CASO KUTIEPOFF

Nêste momento a policia parisiense anda abarbaçada com o desaparecimento do general Kutie-

poiff, exilado russo e chefe dos grupos antibolchevistas da Europa. Numa esquina da rua onde elle tinha seu apartamento três sujeitos pegaram nêle, puseram num automóvel cinzento e sumiram. Um dos sujeitos vestia a farda dos policias francezes. A vizinhança toda desde muitos dias via um guarda louro e imberbe que na esquina parava durante várias horas e conversava balzinho com uma mulherzinha. Inúmeras pessoas repararam mesmo que o tal guarda não tinha nenhum número na gola da farda. Guarda mais que suspeito portanto: sem número de matricula, parando longamente numa esquina onde nunca houve guarda, conferenciando todos os santos dias com a tal mulherzinha e também usando (é verdade: tem mais esta) um capote mais curto que o regulamentar. Pois bem. Ninguém teve coragem de interpelar o cabra nem ao menos de levar o caso ao conhecimento do posto policial distante uns cem metros. Houve uma velhinha que por ser parenta muito chegada de um sargento inspector de veiculos ousou infringir uma postura policial qualquer junthinho do tipo só para verificar se elle era guarda de verdade. O tipo não se incomodou. Apesar disso a velhinha não deu o berro. Sua valentia não chegou a tanto. No fundo ainda havia uma dúvida. E por causa della teve medo de afrontar a autoridade. Mesmo de mentira autoridade é sempre autoridade. Bom não arriscar.

4. POINCARÉ E O MAQUINISTA

Mas é preciso reconhecer que não é só o medo (ou esse medo) o motivo do respeito. Porque este se manifesta deante dos mais inofensivos funcionários do Estado. Desde que um cavalheiro tenha uma função official ou officializada por insignificante e humilde que seja merece toda consideração. Consideração que se traduz naturalmente em rapapés e elogios. O amor dos francezes por tudo que é França tem na burocracia um vasto canal de desaguamento. Não faz uma semana um deputado afirmou na câmara sob aplausos unânimes do recinto e das galerias que o funcionario público francez é o melhor do mundo.

E eu acredito que em nenhuma outra parte do mundo podia acontecer o que aconteceu ontem de manhã, dia 3 de fevereiro, na estação de Lyon de Paris. Raymond Poincaré chegava convallescido de Roquebrune-Cap-Martin. Os figuras da politica o esperavam. Poincaré desceu, recebeu os cumprimentos dos figurões. E o telegrama que espalhou na França a noticia do desembarque termina assim: **O antigo presidente do conselho, depois de ter apresentado seus agradecimentos ao maquinista-chefe do trem que o havia conduzido a Paris, tomou lugar num automóvel dirigindo-se para a sua residência, na Marbeau. Isso se chama também prestigiar a acção pública.**

5. REGRINHA DE BEM VIVER

Note-se que o respeito e a cortezia vão decrescendo á medida que o cargo vai se elevando. O ótimo Gaston Doumergue passa estreito com os revisteiros e cançoneiros de Paris, sobretudo. Presidente e ministros se exibem todas as noites nos teatros alegres. Cantando e dançando para divertir os estrangeiros. E' que estão muito alto: ninguém precisa d'elles, ninguém recorre a elles directamente. A regrinha do mesmo Kipling no mesmo Bruggleswith francez conhece. O trouxe procura conquistar a boa graça dos príncipes e ministros de-

Sob o olhar malicioso dos tropicos

Sylvia SERAFIM

(Para O JORNAL e o "Diario de São Paulo")

Já ouvi certa vez uma sensata mulher dizer que não existe melhor meio de desfazer da belleza de outra do que elogial-a exageradamente perante quem a deve dentro em pouco ver. A imaginação do ouvinte, parte, ascende, attinge um ideal e prepara aos olhos no momento de confrontarem o sonho com a realidade uma decepção que redunde em prejuizo dos encantos innegaveis, esmagados pelo superlativo da descripção feita.

Mais ou menos neste estado de espirito aparentemente optimo, na verdade máo, estava eu quando abri o livro de Barretto Filho, tão elogiado por varios criticos, e que circumstancias multipias, tinham-me impedido de ler, máo grado á curiosidade que haviam despertado em mim as noticias sobre elle dadas.

Foi sinceramente desconfiada que percorri as primeiras linhas.

Aguardava uma decepção: porém a surpresa que tive sabiu-me ao contrario da que esperava. As criticas lidas, embora já não comsiga recordal-as exactamente, entram a parecer-me si não pouco elogiosas, pelo menos não bastante firmes nos seus encomios.

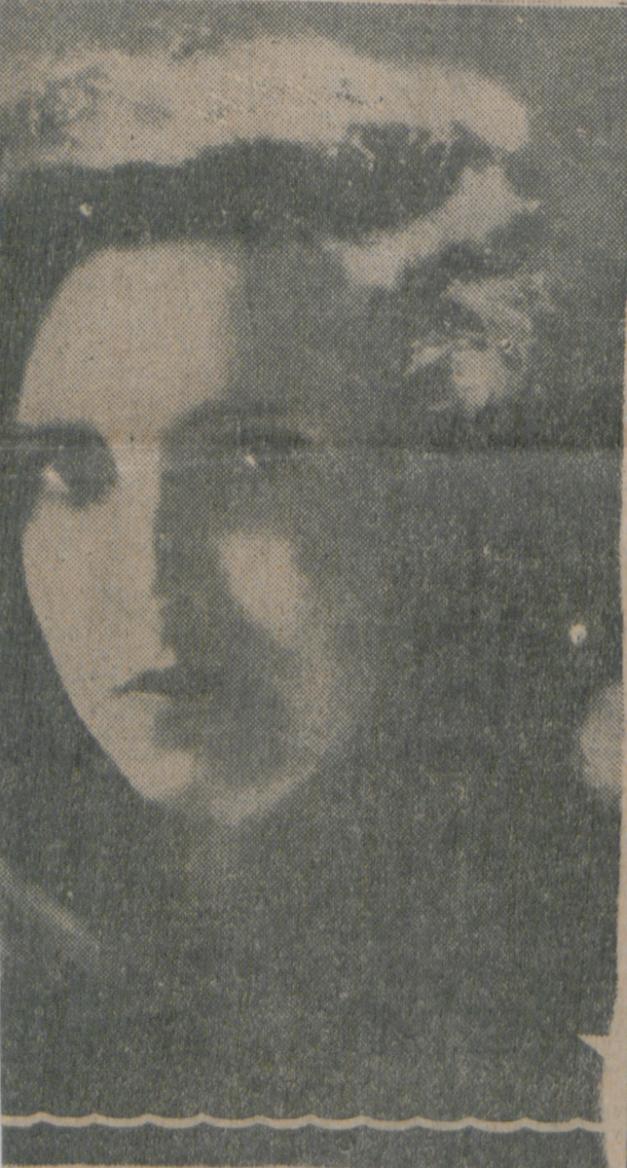
Lembro-me por exemplo de que Nestor Victor, num vespertino falava longamente de Proust a proposito de "Sob o olhar malicioso dos tropicos" da influencia exercida por esse grande romancista francez sobre nosso joven escriptor.

O distincto critico deve ter visao muito mais peruciente do que eu, porém confesso, preferir em these ficar de accordo com a opinião externada ha dias por Mauricio Wellich neste jornal, a respeito de critica em geral, e não me abalancar

mento. Apenas, observando-se aquelle, estuda-se este, pois que um é reflexo do outro.

E' facto innegavel que Barretto filia-se á moderna escola de que Proust, é o expoente maximo, e que tantos romancistas têm dado á França entre os quaes André Maurois etc. Eu creio porém não só na sua originalidade differencial a qual é reconhecida por Nestor Victor que se . . . refere á "Impressão muito opposta" que a seu ver deve causar sob a luz maliciosa dos tropicos em confronto com "A la recherche du temps perdu" e "Le temps retrouvé", porém tambem na sua originalidade essencial, pela hypothese dos surtos paralelos acima exposta.

Uma pequena novidade de forma resalta logo ás primeiras paginas do livro de Barretto Filho: elle grypha certas phrases, interessantes que embora pertencendo ao texto, e nelle se encurvando sem frincha de artificio, tornam-se destacadas, pensamentos, independentes com vida propria. Elle assim poupa o lapis do leitor, que, como eu, goste de ir marcando com um traço á margem as idéas dominantes nas paginas que vai lendo. "Não podemos modificar o curso natural da dor: é mistér que elle siga o seu processo proprio até o esquecimento". "A vida escapa ao projecto que lhe queremos impor". — "Não se pode amar a quem não é mais capaz de nos fazer soffrer". São justamente essas as phrases que sollicitam o lapis na primeira parte do livro, porquanto em torno dellas trança o enredo todas as considerações, todas as suas observações acerca de que se vai passando no cereb-



de "Miss Universo" enviado de Vienna especialmente para O JORNAL

cumprimentos e o retrato, mandado para O JORNAL, escrever a seguinte. Nobrega da Cunha enviado es-Miss Brasil", aos

inhof teve a bonter-me a vossa os numeros do as maravilhosas do Rio. Tive gratificar que cum-promessa e por ço de todo cora-

tenho ainda no las as gentilezas atada na America lembrança fi-apagavel. istantemente as es do "Cruzeiro".

centermente recbi uma longa carta.

Junto vos envio, para o vosso jornal, o meu ultimo retrato que acaba de ser tirado por um dos maiores photographos de Vienna.

Aceltae, caro senhor, as minhas mais sinceras saudações"

MENSAGEM DE CUMPRIMENTOS

A mensagem, escripta em francez e assignada de seu proprio punho, está concebida da seguinte forma:

— "Aos meus queridos brasileiros e aos meus queridos compatriotas (residentes no Brasil) os mais calorosos cumprimentos de Vienna!

Lisl Goldarbeiter, Miss Universo.

Austria, março, 1930".